

UM CRONISTA ESQUECIDO: FRANCISCO DE ANDRADE E AS SUAS OBRAS*

*Rui Manuel Loureiro***

Na bibliografia especializada sobre a época da expansão portuguesa, aparecem de forma regular, como fontes privilegiadas de informação, diversos cronistas dos séculos XVI e XVII, e nomeadamente Fernão Lopes de Castanheda, João de Barros, Gaspar Correia, Damião de Góis, e mesmo Diogo do Couto. Mas Francisco de Andrade, ou Andrada, como também é designado, talvez por ser um autor um pouco mais tardio relativamente aos factos que narra, raramente é convocado para testemunhar. E, ao contrário de vários outros cronistas da época que têm merecido estudos desenvolvidos, Francisco de Andrade tem andado bastante esquecido dos estudiosos. De facto, e tanto quanto se consegue apurar, não existe sobre Andrade nenhum estudo desenvolvido, nem nenhuma dissertação ou tese académica, apenas meia dúzia de artigos dispersos, o mais recente dos quais tem já 40 anos, pois data de 1976.¹ E contudo trata-se de um cronista – ou de um escritor, em sentido mais lato – extremamente interessante.

* O presente texto resulta de uma palestra proferida na Associação de Amigos dos Castelos, em Lisboa, no âmbito de um Ciclo de Conferências sobre «Cronistas de Além-Mar», que decorreu de Outubro a Dezembro de 2016.

** Investigador do Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar (FCSH-UNL/UAç); Professor do Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes; Membro da Academia de Marinha.

¹ Sobre Andrade, ver Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, fac-símile da edição de 1741-1759, 4 vols. (Coimbra: Atlântida Editora, 1965-1967), vol. II, pp. 103-104; Jordão de Freitas, «Francisco de Andrade: guarda-mór ou superintendente da Torre do Tombo», *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, vol. 9, n.º 33, 1931, pp. 34-41; Joaquim Veríssimo Serrão, *Historiografia Portuguesa: Doutrina e Crítica*, 3 vols. (Lisboa: Editorial Verbo, 1972-1974), vol. 1, pp. 203-209; e sobretudo Manuel

Vejamos, em primeiro lugar, alguns dados biográficos essenciais, para depois olharmos com alguma atenção para a sua produção escrita, que foi assaz substancial, e de forma alguma se resume à conhecida *Crónica de Dom João III*, mas inclui outros escritos de carácter cronístico, relatos de cercos, poesias, traduções do latim, e mesmo uma possível intervenção na redacção da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto.

Francisco de Andrade nasceu em 1540, em Lisboa, no célebre Palácio dos Andradas, que se situava entre a Rua dos Condes e o Largo da Anunciada. Este imponente edifício, que foi totalmente destruído pelo terramoto de 1755, tinha sido mandado construir em 1533 pelo seu pai, Fernão Alvares de Andrade, um fidalgo da casa real de Dom João III, que na época era escrivão da fazenda e tesoureiro-mor do Reino, cargos de enorme importância. Francisco de Andrade nasceu, pois, numa família socialmente destacada e financeiramente desafiada. Nada se sabe sobre os seus primeiros estudos, mas é quase certo que teria tido uma apurada formação humanística, que de resto se estendeu a outros membros da família. Dois dos seus irmãos mais velhos conheceram alguma fama como escritores religiosos: por um lado, o teólogo Diogo de Paiva de Andrade (1528-1575),² que representou Portugal no Concílio de Trento e escreveu diversas obras teológicas; por outro lado, o religioso Frei Tomé de Jesus (1529-1582), autor dos célebres *Trabalhos de Jesus*,³ uma obra mística escrita no cativeiro em Marrocos (onde esteve preso na sequência da batalha de Alcácer Quibir), e que foi postumamente publicada em Lisboa nos primeiros anos do século XVII (1602-1609).

Há registos da passagem de Francisco de Andrade pela Universidade de Coimbra em 1562 e 1563, mas parece que antes dessas datas já se dedicava a temas humanísticos.

Lopes de Almeida, «Introdução», in Francisco de Andrade, *Crónica de D. João III*, ed. Manuel Lopes de Almeida (Porto: Lello & Irmão, 1976), pp. v-lxviii. A biografia de seguida apresentada baseia-se sobretudo neste último estudo.

² Ver Manuel Augusto Rodrigues, «Algumas notas sobre a vida e a obra de Diogo Paiva de Andrade», *Revista Portuguesa de História*, vol. 15, 1975, pp. 301-327.

³ Ver Francisco Leite de Faria, «Difusão extraordinária do Livro de Frei Tomé de Jesus», *Anais da Academia Portuguesa da História*, vol. 28, 1982, pp. 163-229.

- Assim, com base no testemunho do famoso bibliógrafo Diogo Barbosa Machado, supõe-se que Andrade teria sido o tradutor da obra *Philomena*, um poema devocional, que é erroneamente atribuído a São Boaventura. Repare-se que Andrade teria pouco mais de 20 anos quando esta obra foi publicada em Lisboa em 1561. Trata-se de uma obra raríssima, e não se conhece hoje nenhum exemplar desta primeira edição.⁴ Barbosa Machado faz menção de uma outra edição, impressa em 1566, mas que também não se consegue localizar.
- Pouco anos mais tarde, em 1565, o conhecido humanista Diogo de Teive (c.1514-c.1569) publicava em Lisboa uma obra intitulada *Epodon siue iambicorum carminum libri tres*, que se pode traduzir como «Epodos, que contêm sentenças úteis a todos os homens, às quais se acrescentam regras para a boa educação de um príncipe». Tratava-se de um manual para educação de príncipes, especificamente destinada ao jovem Dom Sebastião, então com 10-11 anos de idade.⁵ A tradução portuguesa, que figura nas páginas ímpares da obra, era da autoria de Francisco de Andrade. E o facto de Diogo de Teive ter leccionado no Colégio das Artes, em Coimbra, leva a supor que Andrade teria efectivamente desenvolvido estudos naquela instituição universitária.⁶

Portanto, vemos que Francisco de Andrade iniciou a sua carreira na área das letras como tradutor de textos em latim. Dois anos mais

⁴ António Joaquim Anselmo, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI* (Lisboa: Biblioteca Nacional, 1977), p. 93. Ver Joaquim Mendes dos Remedios, *Philomena de S. Boaventura, reimpressa em harmonia com a edição de 1561* (Coimbra: Imprensa da Universidade, 1907). A obra contém uma meditação poética sobre os passos da vida de Cristo, organizada em torno das horas do dia; mas na realidade foi escrita por John Peckham (m. 1292), arcebispo de Cantuária.

⁵ Sobre esta obra, ver Barry Taylor, «Recent Acquisitions: a Rare Work by Jacobus Tevius», *Electronic British Library Journal*, 2003, Article 5, pp. 1-9.

⁶ Sobre Diogo de Teive, ver Luís de Sousa Rebelo, *A Tradição Clássica na Literatura Portuguesa* (Lisboa: Livros Horizonte, 1982), pp. 255-279; e também, no presente contexto, Catarina Barceló Fouto, «Diogo de Teive's *Institutio Sebastiani Primi* and the reception of Erasmus' works in Portugal», in Maria Berbara & Karl A.E. Enenkel (eds.), *Portuguese Humanism and the Republic of Letters* (Leiden: Brill, 2012), pp. 129-148.

tarde publicaria uma nova tradução feita a partir do latim, aquela que é talvez a mais curiosa das suas obras (cf. Gravura 1): a *Chronica do valeroso Principe & inuenciuel Capitão Iorge Castrioto Senhor dos Epirenses ou Albaneses*, impressa em Lisboa, em 1567, pelo impressor Marcos Borges. Valerá a pena determo-nos um pouco nesta raríssima obra, de que em Portugal, segundo creio, apenas existem dois exemplares, um na colecção da Biblioteca Municipal do Porto, outro na Biblioteca do Paço Ducal de Vila Viçosa.⁷ Trata-se de um trabalho de largo fôlego, com cerca de 500 páginas, uma tradução que certamente terá sido complicada e demorada.



Gravura 1:

Portada da única edição portuguesa da *Chronica do valeroso Principe & inuenciuel Capitão Iorge Castrioto* (Lisboa, 1567), exemplar da biblioteca da Fundação Casa Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

⁷ O exemplar da biblioteca da Fundação Casa Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, pode ser consultado em linha: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/fcrb/223> (acesso em 20-12-2016).

- Repare-se que a obra é dedicada «ao muy alto & inuictissimo Rey de Portugal, Dom Sebastião», então com 15 anos, mas que subira ao trono dois anos antes. E aparentemente pareceria poder incluir-se esta crónica num género então muito em voga de livros de cavalarias.⁸ O mesmo impressor, um ano antes, publicara uma das crónicas do ciclo de Amadis de Gaula.⁹ E também em 1567 outro impressor publicava em Coimbra o *Memorial das proezas da segunda Tavola Redonda* de Jorge Ferreira de Vasconcelos.¹⁰
- Mas a crónica do chamado «Jorge Castrioto» reportava-se a acontecimentos históricos ocorridos na Albânia em meados do século XV, envolvendo a rebelião do líder militar albanês Gjergj Kastrioti, também conhecido como Skanderbeg ou Iskander Beg, contra a dominação turca naquela região da Península Balcânica.¹¹
- Não podemos esquecer que, na época, o império otomano era considerado o mais destacado inimigo da Cristandade europeia. As armadas turcas assolavam regularmente o Mediterrâneo e os exércitos otomanos controlavam grandes porções dos Balcãs. Por outro lado, e especificamente para os portugueses, os otomanos eram também os grande rivais do Estado da Índia, onde eram encarados como uma permanente ameaça à presença lusitana no Oriente.¹²

⁸ A respeito deste género literário, ver Isabel de Almeida, «Ecos de Ferrara. O rasto do romance em livros de cavalaria do tempo de Camões», in Lénia Márcia Mongelli (ed.), *E fizerom taes maravilhas... Histórias de Cavaleiros e Cavalarias* (Cotia, São Paulo: Ateliê Editora, 2012), pp. 197-207.

⁹ *La Coronica de los muy valiêtes caualleros Don Florisel de Niquea y el fuerte Anaxartes, hijos del excelente principe Amadis de Grecia*, trad. Feliciano de Silva (Lisboa: Marcos Borges, 1566).

¹⁰ Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Memorial das proezas da segunda Tavola Redonda* (Coimbra: João de Barreira, 1567).

¹¹ Para uma contextualização deste conflito no século XV, ver Diane Moczar, *Islam at the Gates: How Christendom Defeated the Ottoman Turks* (Manchester, New Hampshire: Sophia Institute Press, 2008); e também David Nicolle, *Cross and Crescent in the Balkans: The Ottoman Conquest of Southeastern Europe* (Barnsley, South Yorkshire: Pen & Sword Military, 2010).

¹² Sobre esta problemática, ver Dejanirah Couto, «Les Ottomans et l'Inde Portugaise», *Vasco da Gama e a Índia*, ed. Teotónio R. de Souza & José Manuel Garcia, 3

- Assim se explica o interesse de Francisco de Andrade por esta obra já antiga, que fora originalmente publicada em Roma em 1508. O autor da crónica de Jorge Castrioto era Marin Barleti ou Marino Barlezio (c.1455-c.1512), um humanista católico de origem albanesa, que viveu em Itália na fase final da sua vida.¹³
- A tradução desta obra para português revela Francisco de Andrade como um homem extremamente interessado em temas turcos. Aliás, na dedicatória da *Chronica*, Andrade explica que, como achara que «era necessario dar algũa luz da origem dos Turcos», revolvera «com diligencia todos os escriptores antigos & modernos que tratão delles», para redigir uma extensa «Adiçam ha Chronica».¹⁴
- Se fizermos uma leitura atenta deste longo texto introdutório, é possível verificar que Francisco de Andrade recorreu abundantemente à única obra em língua portuguesa que antes fora publicada sobre estes temas, o *Livro da origem dos Turcos*, da autoria de Diogo de Castilho, publicado em Lovaina em 1538, que também é muitíssimo raro.¹⁵

Trata-se de uma obra que mereceria decerto uma nova edição, e uma análise mais aprofundada, que aqui não se poderá desenvolver. Mas é importante destacar que existe uma ligação entre a temática da *Chronica do valeroso Principe*, o combate de exércitos cristãos contra os turcos, e a conjuntura belicista que então se vivia em Portugal, e que acabaria por empurrar Dom Sebastião para o desastre de Alcácer Quibir.¹⁶

vols. (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998), vol. I, pp. 181-200.

¹³ Ver, a respeito deste humanista, Francisc Pall, *Marino Barlezio: uno storico umanista* (Bucareste: Imprimeria Nationala, 1938).

¹⁴ Marin Barleti, *Chronica do valeroso Principe & inuenciuel Capitão Iorge Castrioto Senbor dos Epirenses ou Albaneses*, trad. Francisco de Andrade (Lisboa: Marcos Borges, 1567), fls. 1-7v.

¹⁵ A respeito da pouco conhecida obra de Castilho, ver Rui Manuel Loureiro, *A rare sixteenth century Portuguese imprint: The «Livro da origem dos Turcos»* (Portimão: Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, 2013).

¹⁶ Ver sobre esta temática a obra de Luís Costa e Sousa, *Construir e Desconstruir a Guerra em Portugal (1568-1598)* (Lisboa: Instituto de Estudos Superiores Militares, 2015).

Regressando à biografia de Francisco de Andrade, sabemos que por volta de 1572 ele casou com Dona Helena da Costa e que o casal estabeleceu residência em Almada. Nada se especial se consegue apurar sobre a vida de Andrade nos anos seguintes. Mas datará certamente deste período o seu relacionamento com Fernão Mendes Pinto, que então vivia também na mesma vila de Almada, onde se dedicava à redacção do seu livro de memórias.¹⁷

- Poucos anos antes, em 1569, o jesuíta espanhol Cipriano Suárez dera notícia de que o célebre viajante tinha «escrito um comentário das coisas que viu em diversos reinos de que a gente comum tem grande expectação».¹⁸
- Ora Mendes Pinto faleceu em 1583, sem publicar a sua obra, que só viria a ser impressa três décadas mais tarde, em 1614. Não se conhecem os caminhos seguidos pelo manuscrito, desde o desaparecimento do seu autor até ao momento da publicação da obra.
- Mas o cónego espanhol Francisco de Herrera Maldonado, que viveu em Portugal e que anos mais tarde publicaria em Madrid uma tradução espanhola da *Peregrinação – a Historia Oriental de las Peregrinaciones* (1620) –, fazia referência explícita à intervenção de Francisco de Andrade no manuscrito de Fernão Mendes Pinto: «Francisco de Andrada, Coronista mayor de aqueste Reyno de Portugal, quando vinieron à sus manos estos originales de Fernan Mendez Pinto, para que los dispusiesse, corrigiesse y enmêdasse antes de imprimirlos». Mas criticava o cronista português, alegando que este teria deixado o manuscrito da *Peregrinação* «tan imperfecto [...], que antes que corrigirle le ofendio de nueuo».¹⁹

¹⁷ Sobre Mendes Pinto, de entre uma imensa bibliografia, ver a recente edição crítica, que inclui diversos estudos sobre a vida e a obra do viajante português: Jorge Santos Alves (ed.), *Fernão Mendes Pinto and the «Peregrinação»*, 4 vols. (Lisboa: Fundação Oriente / Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2010).

¹⁸ Rebecca Catz & Francis M. Rogers (eds.), *Cartas de Fernão Mendes Pinto e Outros Documentos* (Lisboa: Editorial Presença / Biblioteca Nacional, 1983), p. 110.

¹⁹ Fernão Mendes Pinto, *Historia oriental de las peregrinaciones de Fernan Mendez Pinto*, trad. Francisco Herrera Maldonado (Madrid: Tomas de Junta, 1620), fl. 1v. Sobre Herrera Maldonado, ver Iván Teruel Cáceres, «Estrategias de legitimación tras el elogio: Herrera Maldonado y su “Apología a favor de Fernán Méndez Pinto”»,

- Um outro documento menos conhecido faz referência a este assunto. Em 1598, um tal Francisco Galvão de Mendanha, que preparava um catálogo exaustivo de todas as obras impressas em Portugal (uma espécie de antecessor do célebre Diogo Barbosa Machado), pedia autorização a Francisco de Andrade para visitar em Almada a sua biblioteca, não só porque era muito «nomeada neste reino de cupiosa, curiosa e varia», mas especialmente «pera ver o livro que Fernão Mendez Pinto fez de seus acontecimentos nas partes da China e Jappão», que se dizia que Andrade «tinha em seu poder».²⁰

Valerá a pena aqui referir, e creio que este aspecto nunca foi mencionado, que existem numerosas semelhanças gráficas, estilísticas, e sobretudo a nível de conteúdo, entre a *Chronica do [...] Jorge Castrioto* e a *Peregrinação* de Mendes Pinto. A organização das matérias é parecida, com capítulos curtos e títulos análogos; o ritmo narrativo é semelhante, com uma sucessão imparável de episódios rocambolescos; as personagens repetem-se, desde a noiva em apuros, ao velho sábio, e ao menino que emite juízos morais; etc. E mais, a obra original de Marin Barleti não tinha qualquer divisão em capítulos, tendo os títulos dos capítulos sido inseridos por Francisco de Andrade, tal como alegadamente terá feito no manuscrito da *Peregrinação*, quando este passou pelas suas mãos, após a morte do autor. Poderemos estar perante meras coincidências, claro, mas creio que valeria a pena aprofundar a comparação entre ambas as obras, como forma de melhor definir a intervenção de Francisco de Andrade no processo de composição da *Peregrinação*. Poderia dar-se o caso, claro, de Fernão Mendes Pinto ter lido a tradução dos feitos de Jorge Castrioto, que não poderia deixar de conhecer, e nela se ter inspirado para a redacção das suas próprias memórias.

in Sònia Boadas Cabarrocas, Félix Ernesto Chávez & Daniel García Vicens (eds.), *La tinta en la clepsidra: fuentes, historia y tradición en la literatura hispánica* (Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias S.A., 2012), pp. 107-116.

²⁰ Rui Mesquita Mendes, «Fernão Mendes Pinto: Contributos Históricos e Documentais sobre a sua Vida e Obra (I)», disponível em linha, <flul.academia.edu/RuiMendes> (acesso em 20-12-2016).

A referida carta de Francisco Galvão de Mendanha dá-nos uma interessante imagem da vida de Francisco de Andrade em Almada, rodeado de uma imensa biblioteca e empenhadamente dedicado à escrita. E confirma a sua ligação ao manuscrito da *Peregrinação*, embora hoje seja impossível determinar qual a sua exacta intervenção no impresso que conhecemos. Entretanto, ao contrário de muitos dos seus contemporâneos (e do seu próprio irmão, Tomé de Jesus), Andrade não aparece ligado à expedição a Alcácer Quibir. E também não há notícias de se ter dedicado a actividades militares ou navais, com excepção de uma nota auto-biográfica, que aparece num dos seus escritos, que parece situá-lo nas armadas de defesa costeira ao largo do Algarve.²¹

Alguns documentos de arquivo atestam a sua ligação, nas décadas de 1580 e 1590, a instituições como a Câmara de Almada e a Misericórdia de Almada, nas quais desempenha diversos cargos.²² Aliás, num dos diversos períodos em que foi provedor da Misericórdia terá sido responsável pela encomenda do retábulo da Igreja da Misericórdia. Foi recentemente sugerido por um dos nossos historiadores que Fernão Mendes Pinto estaria representado neste retábulo, da autoria do pintor Giraldo Fernandes do Prado.²³ Não se poderia colocar a hipótese de também nele figurar Francisco de Andrade? É uma questão que fica em aberto.

Voltando um pouco atrás, Andrade publicara em Coimbra, em 1589, um extenso poema épico, *O Primeiro Cerco que os Turcos puserão há fortaleza de Diu nas partes da India, defendida pelos Portugueses* (cf. Gravura 2).

²¹ Francisco de Andrade, *Crónica de D. João III*, pt. 4, cap. 110.

²² Ver Romeu Henrique Correia, *Homens e Mulheres Vinculados às Terras de Almada: nas Artes, nas Letras e nas Ciências* (Almada: Câmara Municipal de Almada, 1978).

²³ Ver Vitor Serrão, «Iconografia do mar e da viagem na arte portuguesa no tempo de Fernão Mendes Pinto: Novos elementos sobre o escritor e um possível retrato», in AAVV, *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto: 400 anos da sua publicação* (Lisboa: Academia de Marinha / Instituto de Cultura Europeia e Atlântica, 2014), pp. 61-74.



Gravura 2:
Portada da primeira edição de *O Primeiro Cerco que os Turcos puserão há fortaleza de Diu* (Coimbra, 1589), exemplar da Biblioteca Nacional de Portugal, <<http://purl.pt/14569>>.

- Andrade mantinha e desenvolvia o seu interesse pelas matérias turcas, baseando-se num acontecimento ocorrido muitos anos antes, em 1538, e utilizando como fonte essencial um relato dos eventos publicado também em Coimbra, em 1556, por Lopo de Sousa Coutinho, uma testemunha presencial.²⁴ Realce-se que Manuel de Sousa Coutinho, filho do autor do relato do primeiro cerco de Diu, viveu também em Almada, onde se cruzou com Francisco de Andrade.²⁵
- É provável que Andrade tivesse sido motivado para a sua experiência literária no domínio da epopeia pelo extraordinário

²⁴ Lopo de Sousa Coutinho, *Livro primeyro [e segundo] do cerco de Diu, que os Turcos posemam á fortaleza de Diu* (Coimbra: João Álvares, 1561). Sobre este evento, ver Luciano Ribeiro, *Em torno do primeiro cerco de Diu* (Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1964).

²⁵ Sobre Manuel de Sousa Coutinho, ver Maria Clara Pereira da Costa, «O cronista Frei Luís de Sousa: contribuição para um estudo biográfico e genealógico», in *Actas do I Encontro sobre História Dominicana*, ed. Arquivo Histórico Dominicano Português (Porto: Dominicanos, 1979), pp. 39-168.

sucesso alcançado por *Os Lusíadas* de Luís de Camões, um poeta que decerto conheceria. A epopeia camonianiana, publicada em 1572, tivera logo depois novas edições (1584, 1585).²⁶

- Mas o longuíssimo poema de Andrade caiu no esquecimento, sobretudo pela qualidade relativamente «pedestre» dos seus versos, como referiu um moderno historiador da língua portuguesa.²⁷

A partir de 1593, decerto como reconhecimento das suas ligações sociais e dos seus méritos literários, Andrade foi nomeado cronista-mor do reino, recebendo de Felipe II (então rei de Portugal) o encargo de escrever as crónicas dos reinados de Dom João III, de Dom Sebastião e também de Dom Henrique.²⁸ Já no desempenho destas funções, redigiu em 1595, por encomenda especial de Miguel de Moura, que era então um dos governadores de Portugal,²⁹ uns «Comentários» sobre o cerco de Chaul, ocorrido no ano anterior. Mas o texto não chegou a ser publicado na época.³⁰ Francisco de Andrade poderá ter utilizado testemunhos presenciais do evento, entretanto chegados da Índia a Portugal.

²⁶ Sobre *Os Lusíadas* e o seu impacto na época, ver Vitor Aguiar e Silva (ed.), *Dicionário de Luís de Camões* (Lisboa: Caminho, 2011).

²⁷ Paul Teyssier: «On a l'impression que l'auteur, dont la muse est de toute évidence pédestre, s'est donné bien du mal pour mettre en vers ce qu'il aurait beaucoup mieux dit en prose. L'épopée de Francisco d'Andrada suit exactement le récit de Lopo de Sousa Coutinho. Elle le suit dans les moindres détails, chapitre par chapitre et pour ainsi dire page par page» (citado em Manuel Lopes de Almeida, «Introdução», p. xxxii, n. 3). Ver, sobre esta epopeia, António Cirurgião, «O carácter moralizador de *O Primeiro Cerco de Diu* de Francisco de Andrade», *Biblos*, vol. 63, 1987, pp. 73-95.

²⁸ Jordão de Freitas, «Francisco de Andrade: guarda-mór ou superintendente da Torre do Tombo», p. 38.

²⁹ Sobre este personagem, ver Francisco de Sales de Mascarenhas Loureiro, *Miguel de Moura (1538-1599): secretário de Estado e Governador de Portugal* (Lourenço Marques: sem editor, 1974).

³⁰ Para uma edição moderna, ver Francisco de Andrade, *Comentários da Vitória de Chaul*, ed. Jorge de Faro (Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1945). Sobre o contexto deste evento, ver Jorge Flores, *Nas Margens do Hindustão: O Estado da Índia e a expansão mogol, ca.1570-1640* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015), pp. 193-212.

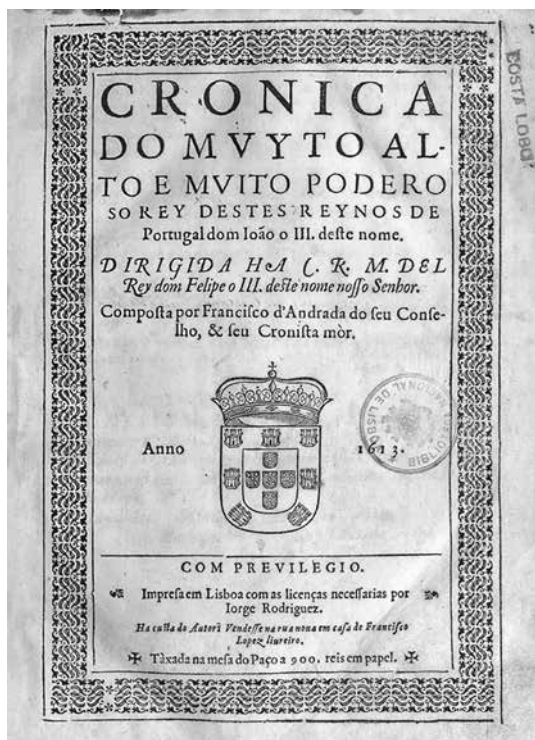
Pouco mais se consegue apurar sobre a vida de Francisco de Andrade nas duas décadas seguintes.

- A documentação disponível refere que a partir de 1598 deteve também o cargo de guarda-mor da Torre do Tombo. Mas não parece ter exercido estas funções com grande empenho, pois há diversas referências ao facto de Andrade residir permanentemente em Almada, recusando-se a ir a Lisboa para cumprir com as suas obrigações.
- Uma carta de 1605, subscrita por Dom Pedro de Castilho, que então era vice-rei de Portugal,³¹ comunicava para Madrid que «Francisco de Andrade a cujo cargo esta a superintendencia da Torre do Tombo vive em Almada, sem embargo de V. M.^{de} mandar por diferentes vezes que se passe para esta cidade por cujo respeito recebem dano os negocios e as partes vexassão».³²
- Acabará por ser exonerado das funções de guarda-mor em 1603, mantendo embora o encargo de cronista, no qual continuará a trabalhar até à morte, ocorrida em 1614.

Um ano antes de desaparecer, Francisco de Andrade publicou finalmente em Lisboa a sua monumental *Cronica do muyto alto e muito poderoso rey destes reynos de Portugal dom João o III deste nome* (cf. Gravura 3). É esta a sua mais conhecida obra, aquela que o tornou conhecido como cronista e como escritor, e sobre a qual importará agora tecer algumas considerações. Dado importante, e como terá ficado mais ou menos claro, Francisco de Andrade parece nunca ter saído de Portugal, nem ter realizado viagens marítimas de longo curso. Era um cronista de gabinete, ao contrário, por exemplo, de Fernão Lopes de Castanheda ou de Gaspar Correia.

³¹ Sobre o bispo D. Pedro de Castilho, ver Manuel Coelho Baptista de Lima, «Cartas de Filipe I e Filipe II ao bispo D. Pedro de Castilho», *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, vol. 6, n. 6, 1948, pp. 199-226.

³² Jordão de Freitas, «Francisco de Andrade: guarda-mór ou superintendente da Torre do Tombo», p. 38.



Gravura 3:

Portada da primeira edição da *Crónica de Dom João III* (Lisboa, 1613), exemplar da Biblioteca Nacional de Portugal, <<http://purl.pt/13803>>.

A *Crónica de Dom João III*, curiosamente, era uma edição «ha custa do autor», como se pode ler na respectiva portada, circunstância não muito vulgar numa obra especificamente encomendada pelo poderoso rei de Portugal e de Espanha. Mas este facto, por outro lado, revela o total desafogo financeiro de que gozava Francisco de Andrade, e talvez o seu espírito independentista. É uma obra extremamente volumosa, que na edição original comporta um total de 533 fólios de texto compacto (as quatro partes que compõem a obra têm foliação autónoma: 113, 134, 131 e 155 fólios, respectivamente).³³ E sabemos que o texto foi trabalhado ao longo de quase duas décadas, desde a data da nomeação de Andrade para o cargo de cronista-mor, até 1612, pois as licenças de impressão datam de meados deste último ano.

³³ A edição da *Crónica de D. João III* actualmente disponível, preparada para a editora Lello & Irmão por Manuel Lopes de Almeida, e publicada no Porto em 1976, tem 1289 páginas de texto compacto.

Uma análise dos temas tratados, e que é resumida no quadro seguinte, revela-se extremamente significativa. Nem todos os capítulos têm a mesma dimensão, de modo que estes números serão aproximativos.

	Capítulos	Reino	Marrocos	Oriente	Brasil
Parte I	93	27	1	65	
Parte II	94	2	1	91	
Parte III	98	8	2	88	
Parte IV	128	24	17	86	1
Total	413	61	21	330	1
		14,7%		80%	

Algumas constatações se impõem perante estes dados:

- Menos de 15% do texto é dedicado aos sucessos especificamente portugueses e europeus do reinado de Dom João III, o que, para uma crónica que se deveria centrar na vida e no reinado do monarca lusitano, parece pouco. Francisco de Andrade alega na dedicatória da obra que encontrou poucas informações fidedignas, o que parece algo suspeito, tendo em vista o livre acesso que teria aos arquivos régios.
- Mais de 85% do texto é dedicado aos sucessos ultramarinos. Mas nestes o Brasil é praticamente negligenciado, o que é mais ou menos compreensível, pois no tempo de Dom João III apenas se iniciava a colonização do território brasileiro.
- O facto de Marrocos merecer apenas 5% do texto é mais enigmático. Aliás, uma das críticas que poucos anos depois seria dirigida a Francisco de Andrade pelo seu amigo e colega de ofício Frei Luís de Sousa (ou Manuel de Sousa Coutinho), respeitava precisamente à supressão dos feitos marroquinos na *Crónica de Dom João III*. Uma explicação possível seria o facto de Andrade escrever a sua crónica depois de Alcácer Quibir, quando a memória de assuntos marroquinos não seria especialmente popular. Aliás, o seu irmão Tomé de Jesus morrera no cativeiro em Marrocos. Mas este silêncio não deixa de ser estranho, pois não haveria escassez de fontes de informação.³⁴

³⁴ Ver Frei Luís de Sousa, *Annaes de ElRei D. João Terceiro*, ed. Alexandreerculano (Lisboa: Tipografia da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Uteis, 1844),

- A *Crónica de Dom João III*, assim, parece ser mais uma crónica dos feitos portugueses no Oriente, já que os sucessos orientais ocupam cerca de 80% do texto da obra. Neste aspecto, Andrade seguia os passos de Damião de Góis, que em 1566-1567 publicara a *Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel*, na qual dedicava também larga atenção aos feitos ultramarinos dos portugueses.³⁵ Mas também poderia tratar-se de uma estratégia deliberada, de forma a salientar a especificidade da história portuguesa no contexto da União Ibérica, que residia precisamente na existência de um vasto império oriental.

A segunda questão relevante diz respeito às fontes utilizadas na composição da *Crónica de Dom João III* por Francisco de Andrade, a partir do seu retiro em Almada.

- Como guarda-mor da Torre do Tombo, o cronista teria à sua disposição todo o manancial informativo daquela instituição, que integrava diplomas, cartas, contratos, doações, regimentos, nomeações, relações, memoriais, descrições, etc.
- Vejamos apenas um exemplo de um documento que se conserva numa biblioteca parisiense. Trata-se de um «Papel rubricado da mão d'ElRey Dom Anrique, que Deos tem, e da letra do conde da Idanha de cousas do infante dom Luis pera a caronica d'ElRey Dom Joaõ, de que se deu a copia a Francisco d'Andrade».³⁶ O memorial é da autoria de Pero d'Alcáçova Carneiro, que durante muitos anos foi secretário dos despachos e coisas da Índia.³⁷

pp. x-xv. Está disponível uma edição mais recente desta obra, a que de momento não tive acesso: Frei Luís de Sousa, *Anais de D. João III*, ed. Manuel Rodrigues Lapa, 2 vols. (Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1951-1954).

³⁵ Para uma edição moderna, ver Damião de Góis, *Crónica do Felicissimo Rei D. Manuel*, ed. J. M. Teixeira de Carvalho & David Lopes, 4 vols. (Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926). Sobre Damião de Góis, de entre uma imensa bibliografia, ver Luís Filipe Barreto, *Damião de Goes: Os Caminhos de um Humanista* (Lisboa: CTT – Correios de Portugal, 2002).

³⁶ Cf. Francisco Sales Loureiro, *D. Sebastião e Alcácer Quibir* (Lisboa: Publicações Alfa, 1989), p. 45.

³⁷ Sobre a carreira deste relevante personagem, ver Maria Cecília Costa Veiga de Albuquerque Ramos, *O Secretário dos despachos e coisas da Índia Pero d'Alcáçova Carneiro*, dissertação de mestrado policopiada (Lisboa: Faculdade de Letras / Universidade de Lisboa, 2009).

- E, como este, muitos outros documentos teriam sido disponibilizados a Francisco de Andrade, com vista à elaboração da sua crónica. Uma comparação com as *Relações de Pero d'Alcáçova Carneiro*, um manuscrito da época que foi entretanto publicado, revela inúmeras coincidências textuais.³⁸
- Detectam-se também alguns empréstimos textuais feitos ao manuscrito da *Crónica de Dom João III*, de António de Castilho, que fora o antecessor de Andrade no encargo de preparar a crónica régia.³⁹
- Um outro manuscrito citado por Andrade é a *Vida do Infante Dom Duarte*, da autoria de «mestre Andre de Resende homem de muytas letras e autoridade».⁴⁰

Francisco de Andrade teve também acesso a um vasto conjunto de obras publicadas desde meados do século XVI em Portugal, e que davam conta das actividades desenvolvidas pelos portugueses nos mundos extra-europeus, e sobretudo no Oriente. A tabela seguinte apresenta algumas das obras que poderiam ter sido utilizadas na redacção da *Crónica de Dom João III*. Note-se que algumas delas, aqui destacadas, são referidas de forma explícita por Andrade na sua crónica joanina.

Autores	Obras	Edições
Fernão Lopes de Castanheda	História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses	1551-1561
João de Barros	Ásia – Décadas	1552-1563
Lopo de Sousa Coutinho	Livro primeiro do cerco de Diu	1556
António Tenreiro	Itinerário	1560 / 1565
António Galvão	Tratado dos descobrimentos	1563

³⁸ Ver Pero de Alcáçova Carneiro, *Relações de Pero de Alcáçova Carneiro, Conde da Idanba*, ed. Ernesto de Campos de Andrada (Lisboa: Imprensa Nacional, 1937).

³⁹ Ver, a propósito, Joaquim Veríssimo Serrão, «A “Crónica de D. João III” de António de Castilho», *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. 2, 1970, pp. 317-403.

⁴⁰ Francisco de Andrade, *Crónica de D. João III*, pt. 3, cap. 69. Sobre esta obra de Resende, ver André de Resende, *Vida do Infante D. Duarte*, ed. José Correia da Serra (Lisboa: Academia Real das Ciências, 1789). E sobre Resende, ver Odette Sauvage, *L'itinéraire érasmien d'André de Resende* (Paris: Fundação Calouste Gulbenkian / Centro Cultural Português, 1971).

Miguel de Castanhoso	História de Dom Cristóvão da Gama	1564
Damião de Góis	Crónica do felicíssimo rei Dom Manuel	1566-1567
João de Lucena	História da vida do padre Francisco Xavier	1600
Diogo do Couto	Década Quarta	1602
João dos Santos	Etiópia Oriental	1609

Valerá a pena lembrar que o reinado de Dom João III se estendeu desde 1521 até 1557, e todas estas obras abordavam parcial ou totalmente esse período cronológico.

- A *História da conquista e descobrimentos da Índia pelos portugueses*, de Fernão Lopes de Castanheda, publicada em Coimbra entre 1552 e 1554, foi decerto utilizada. O autor, além do mais, tinha tido uma década de experiência oriental, pois acompanhara à Índia o governador Nuno da Cunha, entre 1528 e 1538.⁴¹
- As três primeiras *Décadas da Ásia* de João de Barros, publicadas em Lisboa entre 1552 e 1563, também seriam uma fonte essencial para Andrade, já que abarcavam a história da presença portuguesa no Oriente até 1539.⁴²
- A obra dedicada por Lopo de Sousa Coutinho ao primeiro cerco de Diu, anteriormente referida, era bem conhecida de Francisco de Andrade, que a utilizou repetidamente.
- O *Itinerário* de António Tenreiro, que descreve uma viagem por terra desde a Índia a Portugal, realizada em 1527-1528, é explicitamente mencionado por Andrade, que de resto conheceu o autor, pois escreve a determinado passo que «Este António tenreiro conheci eu inda em Coimbra [...] o qual deste seu caminho fez hum tratado, que mandou imprimir».⁴³

⁴¹ Para uma edição moderna, ver Fernão Lopes de Castanheda, *História do descobrimento e conquista da Índia pelos Portugueses*, ed. Manuel Lopes de Almeida, 2 vols. (Porto: Lello & Irmão, 1979). Sobre o cronista, ver Ana Paula Avelar, *Fernão Lopes de Castanheda: historiador dos portugueses na Índia ou cronista do governo de Nuno da Cunha?* (Lisboa: Cosmos, 1997).

⁴² Sobre a vida e obras de Barros, ver Charles R. Boxer, *João de Barros, Portuguese Humanist and Historian of Asia* (Nova Delhi: Concept Publications, 1981).

⁴³ Francisco de Andrade, *Crónica de D. João III*, pt. 2, cap. 49. Sobre António Tenreiro e o seu *Itinerário*, ver Filomena Barros, «António Tenreiro», in David Tho-

- A *Crónica do felicíssimo rei Dom Manuel*, já referida, também foi repetidamente utilizada por Francisco de Andrade, que por vezes remata uma determinada secção narrativa com a expressão «como largamente se pôde ver na chronica do mesmo Rey dom Manuel, que compôs Damião de Gois». ⁴⁴
- A *História da vida do padre Francisco Xavier*, escrita por João de Lucena e publicada em Lisboa em 1600, é também explicitamente referida: «cujas obras se podem ler num livro composto particularmente da sua vida, em que ellas andão escritas». ⁴⁵ Seria especialmente relevante como fonte de informação, pois o célebre jesuíta passara a última década da sua vida, entre 1542 e 1552, em terras asiáticas.

As restantes obras acima referidas – de António Galvão, ⁴⁶ de Miguel de Castanhoso, ⁴⁷ de Diogo do Couto ⁴⁸ e de Frei João dos Santos ⁴⁹ – seriam fontes indispensáveis na composição da crónica de el-rei Dom João III, mas a respectiva utilização carece ainda de uma investigação mais desenvolvida, pelo que aqui fica apenas a sugestão.

mas & John Chesworth (eds.), *Christian-Muslim Relations: A Bibliographical History - Volume 6: Western Europe (1500-1600)* (Leiden / Boston: Brill, 2014), pp. 339-345.

⁴⁴ Francisco de Andrade, *Crónica de D. João III*, pt. 2, cap. 82.

⁴⁵ Francisco de Andrade, *Crónica de D. João III*, pt. 4, cap. 94. Ver João de Lucena, *História da vida do Padre Francisco de Xavier*, fac-símile da edição de 1600, ed. Álvaro J. da Costa Pimpão, 2 vols. (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1952).

⁴⁶ Para uma edição moderna, ver António Galvão, *Tratado dos Descobrimentos*, ed. Visconde de Lagoa & Elaine Sanceau (Porto: Livraria Civilização, 1987). Sobre Galvão, ver Rui Manuel Loureiro, «António Galvão e os seus tratados histórico-geográficos», in *D. João III e o Império: Actas do Congresso Internacional comemorativo do seu nascimento*, ed. Roberto Carneiro & Artur Teodoro de Matos (Lisboa: Centro de História de Além-Mar / Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, 2004), pp. 85-102.

⁴⁷ Para uma edição moderna, com estudo introdutório, ver Miguel de Castanhoso, *Dos feitos de D. Cristóvão da Gama em Etiópia*, ed. Francisco Maria Esteves Pereira (Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa, 1983),

⁴⁸ Sobre Couto e as suas *Décadas*, ver Rui Manuel Loureiro, *A Biblioteca de Diogo do Couto* (Macau: Instituto Cultural de Macau, 1998).

⁴⁹ Para uma edição recente, com estudo introdutório, ver Frei João dos Santos, *Etiópia Oriental e Vária História de Cousas Notáveis do Oriente*, ed. Manuel Lobato & Maria do Carmo Guerreiro Vieira (Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999).

Entretanto, a fonte principal de Francisco de Andrade no que toca às coisas do Oriente, matéria que ocupa cerca de 80% do seu extenso texto, é mencionada de forma explícita na dedicatória da *Crónica de Dom João III*:

Nas cousas da Índia segui hũas informações que me vierão ter hà mão assaz largas & difusas, que me parecerão de mais credito que quais quer outras que pudera ter, porque forão feitas por hum homem honrado que diz de sy que entrara na Índia poucos annos despois de ella ser descuberta, & que tomou por empresa escrever as cousas que nella socederão em todo o discurso de sua vida, que foy de largo tempo, de que as mais elle vio [...].⁵⁰

Estas «informações [...] assaz largas & difusas» podem ser imediatamente identificadas com as *Lendas da Índia* de Gaspar Correia, que de facto viveu na Índia durante mais de meio século, desde os tempos de Afonso de Albuquerque, de quem foi secretário, até cerca de 1563. O manuscrito das *Lendas da Índia* veio para Portugal em 1582, trazido por Dom Miguel da Gama, um dos descendentes de Dom Vasco da Gama, e de alguma forma terá chegado às mãos de Francisco de Andrade, que dele fará ampla utilização. Aliás, em duas ocasiões distintas a *Crónica de Dom João III*, refere «Gaspar Correia, de cujos escritos [...] se tirára muyta parte das informações desta historia».⁵¹

Contudo, as *Lendas da Índia* só se ocupavam da história da presença portuguesa no Oriente até 1550. Para os anos seguintes, até à data da morte de el-rei Dom João III, ocorrida em 1557, Francisco de Andrade teve de recorrer a uma outra fonte. De uma forma que não se consegue determinar de modo rigoroso, parece ter tido acesso aos manuscritos das *Décadas da Ásia* de Diogo do Couto, que na longínqua Goa se ocupava com a continuação da crónica dos feitos orientais dos portugueses. Assim, é possível detectar coincidências textuais da *Crónica de Dom João III* com a *Década Sexta*, cujo manuscrito foi enviado para Lisboa em 1599 (mas só seria impressa em 1612) e com a *Década Sétima*, cujo manuscrito foi despachado por Couto para Portugal em 1601 numa primeira versão, e em 1603 em versão refor-

⁵⁰ Francisco de Andrade, *Crónica de D. João III*, p. lxxii.

⁵¹ Francisco de Andrade, *Crónica de D. João III*, pt. 2, cap. 58; cf. também pt. 2, cap. 56. Para uma edição moderna, ver Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, ed. Manuel Lopes de Almeida, 4 vols. (Porto: Lello & Irmão, 1975); a «Introdução» reconstitui a história da circulação do manuscrito.

mada (e que só seria impressa em 1616).⁵² De resto, e isto é uma mera hipótese de trabalho, Francisco de Andrade poderia ser responsável pela demora na concessão de autorizações de impressão às obras de Diogo do Couto, que havia utilizado amplamente e que entrariam em competição com a sua própria *Crónica de Dom João III*. Mas é só uma ideia!

Enfim, para concluir, aqui fica um breve panorama da vida e da obra literária de Francisco de Andrade, que, espero, terá despertado algum interesse para um cronista e escritor que anda bastante esquecido. Convém realçar que Francisco de Andrade cultivou ao longo de toda a sua vida uma postura humanista, que transparece no seu interesse pela língua latina, na dedicação quase exclusiva ao ofício das letras, no trabalho de tradutor em que se especializou na primeira fase da sua carreira, na variedade de géneros literários que cultivou, e que incluíram os ditos e sentenças, a poesia épica, os relatos de actualidade, e a narrativa cronística.

A *Crónica de Dom João III* é, sem dúvida, a sua obra mais conseguida literariamente. O facto de Andrade utilizar diversas fontes de informação para a redacção desta obra, e nomeadamente as *Lendas da Índia* e as *Décadas da Ásia*, de forma alguma lhe retira valor, já que os textos utilizados são profundamente revistos e reescritos, sendo o produto final uma narrativa densa, elaborada, documentada, e estilisticamente trabalhada, que de forma alguma desmerece a atenção de leitores e de investigadores. Embora escrita muitas décadas após os eventos, a *Crónica de Dom João III* impõe-se como uma fonte indispensável, sobretudo para o conhecimento da presença portuguesa no Oriente durante o reinado do rei Piedoso, entre 1521 e 1557. Aliás, a distanciação cronológica permitiu que o autor desenvolvesse um elaborado trabalho de recolha, análise e comparação de fontes, que lhe permite construir uma narrativa organizada e informada. Evidentemente, será importante avançar agora com análises comparativas aprofundadas entre a prosa de Francisco de Andrade e a dos seus informadores, que permitam estabelecer os reais méritos deste esquecido cronista.

⁵² Ver Rui Manuel Loureiro, *A biblioteca de Diogo do Couto*, pp. 209-270.